

O Jardim

Atrás da casa havia um jardim
Não que ela tenha percebido
Foi ele quem o disse:
Tens um jardim

Entulhos são
As marcas que levava
Sem por isso lhe parecer bom
Mas era o que ali estivera sempre

Atrás do bairro ficava a casa
Atrás da casa, o jardim
Não o percebera
Mas ele

Ele
A cara seca
Pedaço de madeira
Olhos falando em silêncio, comendo a luz à volta

De todas as cicatrizes que observava, ela o sabia
Algumas eram mesmo de sua autoria
Autoinfligidas, porém tímidas
Entulhos de sua sabedoria
Acumulada em nó
perdida

Perdida a casa,
no meio do jardim
Quem diria? Ela o fizera sem o fazer
E ele, forasteiro, punha as coisas no seu lugar

No ritmo do entulho, sob o foco de luz solitária
O palco se formara com cortinas vegetais
Com ranhuras de outrora agora
Algumas autoinfligidas
Com demora

Perdido o jardim,
no meio do morro
Suas entranhas fermentando
Abertas, porém concisas
Misturadas à noite
Sedimentadas pela luz
Elétrica

Como cicatrizes latejantes
Com pontas que escapam largamente à regularidade do perfil dos versos
Dando vida ao fio que seus olhos
agora veem
Elétrico

Hipertexto azarento
Links dispostos com exatidão
Cinco, seis mil cliques depois
E-la aqui, no mesmo lugar
Remoendo a memória

Perdido o morro,
No meio da cidadezinha
Ruas, praças, bares, uma força teimosa que persiste muito além do que sabe

Mas, ele o sabe, já então o jardim deixou de existir
De tanto ligar, inadvertidamente transbordou
Desfez-se na sua continuação infantil
Amadureceu para fora de si
E sua flor irreconhecível
Murcha sem saber
Porquê

Ele
A cara seca
Diante do nó
Não vê além
do ponto
de luz

Ela
A cara úmida
Sai detrás
E adentra
O Jardim

O perfume se espalha
Num repente de vertigem
Grudento
Formando desejos
Formando manchas
Formando som